

«O melhor policial
que li este ano.»

Dagens Nyheter

«Extraordinário,
cru e poético.»

NRK

«Impressionante,
comovente e incisivo.»

Camilla Grebe

NÃO TEMAS A ESCURIDÃO

PER MORITZ
STENBORG



Ao operário fabril Erik Göran Stenborg

1983

Num recanto poeirento, um carro repousava à sombra de uma árvore. Gunhild Öst, a proprietária registada do *Saab*, andava a verificar os celeiros. Era o fim de tarde, numa bela mas igualmente traiçoeira transição do inverno para a primavera. Gunhild Öst sabia o que estava para vir. Muita neve, e os cursos de água encheriam até transbordar, isso era uma certeza.

A pastagem de montanha, com os seus celeiros dispersos, pertencia à família Öst há centenas de anos. Ela deambulava pelos terrenos herdados para se certificar de que os telhados não haviam cedido sob a massa de neve do inverno. Os pingentes de gelo pendiam dos beirais como estalactites.

Tinha 68 anos. Vivera em Silvernäs toda a sua vida, mas ainda assim julgava ter visto quase tudo o que se podia imaginar. Isso iria mudar no espaço de um minuto.

A luz adquiriu um tom amarelado quando o crepúsculo se instalou. Tudo parecia normal. Foi ao contornar o celeiro mais distante que Gunhild Öst avistou algo estranho. Junto ao caminho de pedra que levava à entrada do edifício, alinhavam-se algumas estacas altas, tal como existiam desde que os cercados haviam sido construídos. Na mais alta repousava uma mão. Era uma mão humana. Parecia acenar do topo da estaca em que fora espetada.

I

1

A geada estava ainda bem incrustada no solo, mas a água escorria dos telhados e os ribeiros corriam com força. Em breve, o Svartälven haveria de transbordar.

Era a estação do ano de que menos gostava. Não sabia bem por que motivo uma pessoa precisava de ter uma estação favorita — todas passam, quer se queira, quer não —, mas a primavera não era a dele. A sua favorita, entenda-se. Lama, inconstância, e aquela histeria do desabrochar e do despertar.

O pára-brisas estava leitoso nas bordas, como se começasse a sofrer de cataratas. As moscas-dos-fungos trepavam pelo lado de fora do vidro.

Erland Hjort não permaneceu no carro mais do que meio minuto; era tudo o que o sentido do dever lhe permitia. Ouvia uma cassette de Alf Robertson no autorrádio do seu *Volvo* 164 amarelo-panamá.

Amarelo-panamá; não sabia bem o que isso significava, mas tinham descrito assim a cor quando o comprara, o mais recente e valioso modelo, catorze anos antes. Fora o seu primeiro carro e, ao contrário da maioria, que ia trocando por modelos mais recentes e agora conduzia os 760 e os 360, ele mantinha-se fiel ao seu 164.

O Wiklund já devia estar aqui. Merda!

Hjort respirou fundo, correu o fecho do casaco de cabedal, bateu à porta do carro e subiu em direção à quinta para cortar a corda de uma pessoa enforcada.

Arild Johansson telefonara para o posto de polícia de Silvernäs. Soara estranho, distante. Como se estivesse no lago, debaixo do gelo. Erland Hjort atendera o telefonema. Estava sozinho, uma vez que o agente Wiklund se encontrava de baixa após um acidente que sofrera.

Johansson vivia na quinta Ramses há dez anos. Crescera ali como filho adotivo e regressara por volta de 1972. No antigo edifício contíguo vivia a filha, Vanja, desde cerca da mesma altura. Arild terá estranhado a ausência dela e, por fim, subido ao sótão. Era amplo, sem isolamento, com uma viga robusta sob a cumeeira, e fora aí que a encontrara.

Hjort subiu a encosta até à quinta. Situava-se numa colina irregular e pedregosa; a casa principal era ladeada por uma construção mais pequena à esquerda, e por arrecadações e celeiros à direita.

Parou no terreiro. Estava tudo tão silencioso, tão desolado. O estalar do degelo fazia-se ouvir, embora o rio estivesse longe. Todo o edifício parecia irradiar uma tristeza que emanava do espaço do sótão sob as telhas. Talvez Arild Johansson se tivesse recolhido.

Hjort hesitou por um instante. Iria ver do velho amigo? O procedimento policial exigia primeiramente a confirmação do óbito.

A cozinha de Vanja Johansson estava como seria de esperar. Uma chávena de café sobre a mesa, que nem sequer tinha sido bebido. A imagem de um cão — um Sabujo de Hamilton — observava-o do calendário pendurado na parede. Sentiu um frio cortante na nuca. Proveniente de cima, das escadas, e com ele vinham sons. Subiu ao andar onde ficava o quarto de Vanja. A porta de madeira que dava acesso à escada do sótão estava aberta, tal como o postigo por cima. O vento gemia pela abertura quadrada, através da qual Hjort conseguia vislumbrar o céu através de uma telha partida.

O estômago contorceu-se-lhe como um ninho de serpentes. A escada do sótão era íngreme, e ele subiu antes que pudesse arrepender-se. Lá em cima, o frio era denso, concentrado, como

se tivesse ficado preso e aí houvesse crescido. O vento assobiava entre as tábuas das paredes. Vanja Johansson pendia de uma corda azul presa à viga do teto. A sua pele estava completamente branca e o corpo formava uma figura tão direita e rígida, que parecia haver uma força invisível a puxá-la para o chão. O vestido tinha nódoas rosadas e o branco dos olhos fazia lembrar leite coalhado, parecendo prestes a escorrer pelo rosto deformado. No chão do sótão havia fezes e um escadote de alumínio.

Erland Hjort ouviu algo. Olhou para o terreiro pela meia-lua da janela. Era a ambulância.

*

Arild Johansson foi encontrado sentado, com um copo de *vodka*, no cadeirão debaixo do troféu de caça, uma cabeça de veado de dezassete pontos. Arild exibia um olhar mortiço, embora estivesse indubitavelmente vivo. Os olhos brilhavam e pestanejavam na direção da garrafa quando Hjort subiu as escadas.

Hjort foi buscar um copo — sabia onde estavam — e serviu-se. Sentou-se numa poltrona. Era uma divisão ampla e aberta, por cima da larga escadaria no centro da casa. Havia peles de rena no chão, hastes nas paredes e uma brasa moribunda na lareira.

— Lembras-te de quando fomos de canoa pelo Kaitum acima? — disse Arild. — E acampámos naquela rocha. Mesmo junto ao rio. As umblas saltavam ao luar. E as estrelas...

— Já lá vão uns vinte anos.

Arild grunhiu e olhou para o teto com os olhos vidrados, gélidos.

— Esta noite há lua cheia — disse.

Hjort bebeu um gole de *vodka*.

— A canoa ainda está no barracão junto ao rio.

O silêncio instalou-se por instantes na sala. Lá fora, os socorristas desempenhavam a sua tarefa.

— Então, encontraste-a pouco depois das dez?

Arild Johansson permanecia imóvel e encolhido de um modo que Hjort nunca tinha visto. Era um homem que costumava aparentar ser mais alto do que era. Tinha mãos grossas e calejadas, uma cabeleira ondulada, bigode e um dente de lobo pendurado ao pescoço num cordão de couro.

— Diabos... Não a via há... dois dias.

— Suponho que se vissem todos os dias.

— Enfim, talvez não todos os dias. Não que convivêssemos.

Mas víamo-nos.

— Ela já não trabalhava na loja?

— Ia começar noutro emprego. Na serração, no escritório.

— Notaste algo diferente nela ultimamente?

— Não. Nada. — A voz tremeu-lhe, depois suspirou fundo.

— Ouve, Erland. Tenho de te pedir um favor.

Arild não era homem de pedir ajuda, pensou Hjort.

— Sim?

— Não sou capaz de... tu sabes.

Hjort assentiu, compreensivo.

— Anna Karjala — disse.

— Não podes ser tu a dizer-lhe?

Hjort fez que sim com a cabeça e bebeu o resto da *vodka*.

Olhou para o velho caçador, o qual parecia, pelo menos, aliviado por se ver livre daquele fardo.

— Nunca suspeitaste?

Arild Johansson fitou o comissário de polícia.

— Nem por sombras — disse.

*

Erland Hjort desceu a encosta e a escadaria de pedra coberta de vegetação. Não subira de carro até à quinta; estacionara junto ao matadouro, em baixo, perto da estrada. Sentou-se no *Volvo*,

suspirou de alívio e abriu o casaco. À medida que o carro descia a ladeira, a música recomeçou, como se nada tivesse acontecido enquanto estivera em pausa.

Atravessou a ponte que se erguia bem acima das placas de gelo do Svartälven. Passou pelo barracão dos Ersson, onde a canoa de mogno repousava como uma relíquia, e seguiu para o centro de Silvernäs. As casas e as lojas passavam por ele como cenários. Era assim que as via; o mundo, naquele momento, era diferente do que costumava ser. Apenas cenários e decoração.

Diante do centro juvenil, conhecido como Södra, juntava-se um grupo de rapazes de cabelo comprido. No Röda Kvarn passava *A Fúria do Herói*. Da última vez que ele e Bodil tinham ido ao cinema, viram um policial intitulado *Morte ao Sol*. Contornou a bomba da Esso, virou para a Midvintergatan e estacionou entre as alas do lar de terceira idade, o Silvergården.

Tinham acabado de comer panquecas de batata com toucinho, e a mãe dele estava sentada junto à janela do quarto. Tinha vista para o Svartågrillen, a «Grelha do Rio Negro», e não para o lago, como os vizinhos do outro lado do corredor.

— Erik — disse ela ao virar-se.

— É o Erland.

Ficou de pé, como se estivesse de partida a qualquer momento, embora acabasse de chegar. *Porque fora até ali? Para pensar noutra coisa que não o rosto deformado de Vanja Johansson?*

— Erland, claro. Vem, senta-te. Deixa-me olhar para ti.

Aproximou-se e encostou-se a uma cómoda que estivera na sala da sua infância.

O cabelo fino formava-lhe uma espécie de auréola em redor da cabeça.

— O almoço estava bom?

— O almoço — disse ela, num tom afetado que pertencia a filmes antigos. — Aqui nunca me dão nada para comer.

— E café?

— Café?

— Dão-te café?

Ela começou por abanar a cabeça, confusa. Hjort inclinou-se e pousou a mão no ombro dela, o que lhe fez lembrar os crânios pendurados na parede de Arild Johansson.

— Estiveste a beber, Erik?

— *Erland*. — Cerrou os dentes. — Sou o Erland. O Erik morreu.

Ela voltou a tremer.

— Pronto, mãe. Não faz mal. Só passei para ver como estavas. Beijou-a na testa.

Erik Hjort morrera, de facto, numa tarde, a meio de *Lasse-Maja*, um filme de 1941 transmitido na televisão. Acontecera sem pré-aviso, no apartamento do casal idoso, em Silvernäs.

O apartamento fora arrendado na velhice. O filho único, Erland, crescera na antiga casa rural em Svartmora. Erland vivia agora numa moradia, mais um degrau na lenta ascensão da família. Erik Hjort passara os primeiros anos de vida numa cabana finlandesa, no meio da floresta. Talvez esse ar cheio de fumo tivesse contribuído para a súbita falência dos pulmões do pai.

Hjort atravessou a névoa de toucinho frito da sala comum e desceu até ao carro. Conduziu rumo a norte, em direção à periferia da vila, onde vivia Anna Karjala.

As palavras «excisão» e «incisão» vinham do latim *caedere* — cortar, golpear. Podia também traduzir-se por «matar» ou «executar». Na prática médica, eram termos da cirurgia superficial, por exemplo quando, em condições controladas, se removia um pedaço de pele ou um nódulo.

Bodil Hjort sabia exatamente o que fazia. Era o tipo de pessoa que sabia quase sempre o que fazia, mesmo quando não sabia. Tinha à mão tudo aquilo de que precisava. Pinça lisa e com serrilha, bisturi, tesoura e marcador. Primeiro desenhou ao longo das linhas de tensão da pele, em volta da mancha, parecendo um pequeno olho. Depois segurou o braço de Norberg e introduziu a agulha de anestesia por baixo do *olho*, na parte superior do braço.

Norberg fingiu que nada era, mas ela sentiu-lhe o cheiro do medo. O seu corpo de 67 anos exalava angústia e aflição.

Encostou a lâmina à linha de incisão, ao *olho*, e recortou o retalho de pele sem levantar o bisturi. Norberg chorou. Com a pinça, completou a excisão e colocou o pedaço de pele numa taça metálica em formato de rim.

— Ligo quando chegarem os resultados das análises do hospital universitário.

Apesar das temperaturas negativas, escancarou a janela. O centro de saúde ficava junto à água, e ela postou-se à janela vestindo apenas o uniforme de enfermeira, deixando-se arrefecer pelo vento que fazia rodopiar a neve miúda em enormes espirais sobre o lago.

Não era o cheiro do sangue. A esse estava habituada. Era aquele odor abafado de angústia, de doença, de *algo que não estava bem*, que lhe feria o nariz e descia pela goela.

O tempo tinha ficado mais ameno. O gelo começava a ceder. Em breve faria 37 anos. O marido nascera no dia em que a Segunda Guerra Mundial havia terminado, algo que ele gostava de repetir. Contava um ano mais do que ela. A história deles era bastante banal. Anormalmente normal, pensando bem. O que Bodil, regra geral, evitava fazer. Um filho e uma filha. Tinham até tido um cão, um labrador chamado *Zorba*.

Fechou a janela, foi até à cozinha e pôs água ao lume para fazer chá.

*

A casa fora construída em 1926. Ficava algo isolada, à beira de uma floresta escura. As casas estavam mais dispersas ali, a uns cinco quilómetros de Silvernäs, em direção à região de Finnmark. Era uma habitação simples, de dois pisos, com um anexo e campos cobertos de mato nas traseiras.

Alf Lind vivera ali antes, e Hjort pouco mais sabia dele além do nome. Agora era Anna Karjala Johansson quem lá morava. A irmã mais nova de Vanja e, de ora em diante, a única filha de Arild. Estava ali há alguns anos — ele não sabia quantos — e nunca lá fora antes.

Não conhecia bem as irmãs. O pai, esse, conhecia-o desde pequeno; fora ele quem ensinara Arild a dizer certas palavras e expressões, como «chifre completo de gamo». Arild era mais velho, mas não falava sueco quando chegara à família Johansson como criança refugiada da guerra. Mais tarde, quando Erland Hjort era adolescente e Arild um jovem adulto, tinham feito várias expedições, como lhes chamavam. Haviām remado de canoa, pescado ao longo do Kaitumälven e feito caminhadas pela montanha em Helags.

Nessa altura, Arild vivia com as meninas em Storlofors, num vale do outro lado da montanha. Quando os pais adotivos, de seu nome Johansson, se tornaram demasiado velhos para gerir a quinta, Arild e Vanja mudaram-se para lá. Depois de Anna Karjala vaguear um pouco, acabara ali, na velha casa de Alf Lind.

Depois desse período, quando Arild voltou para Ramses, passaram a ver-se cada vez menos. Deixou de haver expedições.

Por cima dos abetos, o céu parecia uma placa de acrílico, velha e riscada, bloqueando a luz do Sol. Hjort estava sentado no seu *Volvo* 164 e tinha agora de tratar da outra irmã. Isto era ainda pior, pensou. Este dia era mais pesadelo do que dia.

Passara um minuto? Dois? Pressagiava desgraça ficar ali parado. Sentia que ela estava em casa. Talvez pressentisse que algo não estava bem. Isso poderia facilitar-lhe a tarefa.

Saiu do carro e dirigiu-se à casa. As gralhas grasnavam nas árvores. Ela abriu a porta ao fim de quatro inspirações, contou Hjort.

— Olá — disse ela.

O cabelo escuro caía-lhe em mechas húmidas sobre o rosto; tinha manchas escuras na *t-shirt*, debaixo das axilas. Na camisola, um lobo uivava à Lua.

— Desculpa — disse distraidamente, como se sentisse o próprio cheiro a suor. — Estou a arranjar o esgoto. Os canos rebentaram com o gelo. Entra.

O átrio era pequeno, com uma escada em curva para o andar de cima, papel de parede com medalhões e uma porta para a cozinha. Os canos do lava-loiça estavam desmontados e pousados sobre uma passadeira parcialmente enfiada no armário.

— Ainda sobrou café — disse Anna Karjala.

Estaria ela a tentar adiar a notícia que ele viera dar?

— Obrigado — disse Hjort, aceitando uma caneca do termo. Ela serviu-se também e sentaram-se à mesa. As calças de fato de treino estavam molhadas nos joelhos.

O olhar dela encontrou o dele. Havia ali algo de acossado, uma inquietação. Pensou no quão castanhos eram os seus olhos, ao contrário dos do pai. Devia vir da mãe. O cabelo também era diferente. Escuro como um pântano à noite. Não como o da irmã. *A irmã*. Mesmo retirada e levada dali, continuaria a pairar. Na mente de Erland Hjort.

— É sobre a Vanja — disse ele. — Ela morreu.

Os olhos dela cravaram-se nos dele, sem pestanejar.

— O teu pai pediu-me que viesse. Para te informar. Lamento muito.

Continuaram a olhar-se no mais fundo das pupilas um do outro. Como dois abismos fitando-se mutuamente. O que procurava ela ali, no fundo do olhar do anjo da morte?

— Merda — disse ela.

Depois olhou para a floresta, para lá do campo abandonado, e bebeu o resto do café de um trago.

— Se precisares de ajuda com alguma coisa... — disse Hjort. O café ainda estava quente. — Queres saber o que aconteceu?

Anna Karjala não respondeu de imediato.

— Enforcou-se — disse ela por fim.

Hjort sentiu que lhe faltava *autoridade* — era essa a palavra que lhe ocorria — para prosseguir com as perguntas. Como sabia ela?

— Talvez queiras falar com o David.

— Já não estamos juntos.

Ela olhou pela janela; os olhos brilhavam e pareciam ter enegrecido.

— Liga ao Arild.

Hjort terminou o café e deixou a caneca de plástico sobre a bancada da cozinha.

*

O Matador fumava um cigarro e batia as botas na lama castanha de neve derretida, em frente à Södra. Um *Chevrolet* cor de bronze passou a roncar, e os jovens lá dentro berraram as piores obscenidades que lhes vieram à boca. *Não importa*, pensou o Matador. Talvez soubessem que o seu nome era Sonny Karlsson. Provavelmente, não sabiam que lhe chamavam *Matador*.

Não importa. Se ao menos eles soubessem...

Passou o cigarro ao Sacador. Kim Helmersson recebera a alcunha depois de ter revistado um bêbedo, sacando-lhe umas dezenas de coroas e uma lata de *snus*.

— Palhaços — disse o Sacador, tragando até ao filtro. — Matá-los seria uma perda de tempo. Vamos entrar. O Aske está à espera.

Tinham o cabelo pelos ombros, casacos de cabedal e tatuagens feitas com lâmina de barbear e tinta. Sonny Karlsson ficou para trás quando o chamado Sacador entrou no centro juvenil; puxou da sua navalha borboleta, afiada como um bisturi, e cravou-a na parede de madeira descascada. Não se importou que alguém o visse. Com uma vontade implacável, gravou um símbolo composto por três triângulos interligados.

*

Começava a anoitecer quando Erland Hjort atravessou a vila, de carro, a caminho de casa. O céu refletia-se num tom de cor-de-rosa nas janelas do hotel da estação de comboios. Pensou naquele filme policial que tinham visto no cinema — numa noite fresca de setembro — e na caminhada de regresso. O vento agitara o cabelo loiro de Bodil e parecera-lhe igual a tantas vezes em que voltavam do Röda Kvarn nos anos 60. Tinham brincado com a ideia de que um caso de homicídio tão intrincado seria uma mudança bem-vinda

face ao álcool ilegal e aos jovens de 18 anos que se matavam ao volante.

Que Hjort voltasse a pensar nisso precisamente no momento em que Gunhild Öst fazia a sua descoberta macabra só pode ser visto como pura coincidência.

Não seriam as massas de neve na bacia de escoamento nem a neve miúda que caía do céu que causariam a cheia da primavera. Não essencialmente. Decisivo seria o degelo súbito.

Erland Hjort via o rio subir degrau a degrau, dia após dia. Não se barbeava há dois dias e coçava o queixo enquanto conduzia e ouvia Alf Robertson.

Dois investigadores criminais já se tinham instalado no posto de polícia. Ocupavam um espaço considerável, pois eram altos e corpulentos. Um deles tinha as longas pernas estendidas sobre a secretária de Erland Hjort e o outro quase tocava no teto com o chapéu. Bosson deixara-os entrar. Tinham-se também feito acompanhar de um médico-legista. Esse não era nada corpulento e bastante mais velho.

Apresentaram-se como os inspetores Markovic e Ljung, e Wendel, do departamento de Medicina Legal.

— O que sabe sobre a mão? — perguntou Ljung.

— Nada — disse Hjort, que reclamara o seu lugar atrás da secretária. — Está no frigorífico.

— Quem a encontrou foi uma tal... Gunhild Öst.

— Podem interrogá-la à vontade. Não lhe tocou, chamou-me de imediato.

— A si? É o único polícia aqui?

— O meu colega Wiklund está de baixa por lesão neste momento.

Otto Wendel interrompeu:

— Preciso de ver a mão imediatamente.

Hjort foi à cozinha do pessoal e voltou com uma geleira. Pousou-a na mesa e abriu-a. Wendel calçou umas luvas descartáveis e retirou um saco transparente do seu interior.

Os quatro observaram concentrados o conteúdo, como se tivessem descoberto uma relíquia pré-histórica. Wendel rodou com cuidado o membro amputado e examinou-o. Parecia irreal, cinzento e pálido. A cor da mão escoara-se com o sangue. Os dedos estavam rigidamente contraídos, as unhas azul-escuras. A própria zona do corte estava corroída e atacada por insetos e larvas.

— Há três coisas que posso dizer desde já — anunciou Wendel. — É de um homem, não é jovem e a mão foi removida depois da morte.

Colocou a mão numa caixa quadrada, fechou-a e deitou as luvas no caixote.

— Agora vai fazer uma viagem até ao Laboratório Nacional de Polícia Científica.

Otto Wendel saiu do posto com a sua caixa. Markovic pediu para usar o telefone de Hjort.

— Estamos a falar com o local agora. Onde estás?

O *local* era Erland Hjort. O investigador local da cena de crime. Markovic desligou bruscamente.

— O Hessle chega mais tarde — disse, de dentes cerrados.

— Não vão perguntar se está alguém desaparecido? — questionou Hjort. — Ou, pelo menos, se alguém perdeu a mão direita?

Os inspetores trocaram um olhar.

— Talvez já saibam a quem pertence a mão.

— Não — disse Ljung. — Os nossos superiores em Estocolmo têm motivos para suspeitar de uma eventual ligação ao caso Orlovski.

Orlovski. Hjort recordou-se dos artigos de jornal. Tinham sido encontradas partes de dois corpos femininos em sacos de lixo, em vários pontos do centro da Suécia. Uma das mulheres desmembradas fora identificada como Alisa Orlovski, residente em Estocolmo. Não havia vestígios do assassino, segundo a imprensa sensacionalista.

Ljung confirmou. Também não sabiam a identidade da outra mulher morta.

— Pediram ajuda ao estrangeiro. Segundo a unidade comportamental de Houston, podemos ter um assassino em série em mãos.

— Então estiveram apenas à espera de que aparecesse outra parte do corpo?

— A Brigada Nacional de Homicídios estava preparada para isso, sim. — Ljung assentiu. — Eu e o Markovic tivemos de largar tudo o que estávamos a fazer e vir para aqui.

— Um assassino em série. Podia ter saído diretamente do *Alfred Hitchcock Apresenta* na televisão. Quanto tempo vão ficar?

— O Wendel segue diretamente para Linköping e para o laboratório. Eu e o Markovic ficamos três dias. A menos que apareçam mais partes do corpo.

— O assassino pode ainda estar por aqui?

— Claro que sim. É possível, e é isso que vamos investigar. Sabe se apareceu algum estranho por cá ultimamente?

— Ninguém, a não ser vocês.

*

Enquanto os inspetores iam até ao carro buscar as suas coisas, Hjort fez um telefonema.

— O que é que eu fiz agora? — respondeu a voz do outro lado.

— Como assim?

— Tinha a sensação de que era a polícia.

— Como vão as coisas em Estocolmo?

— Eh, pá, melhor do que nesse buraco.

— Já arranjaste trabalho?

— Só estou cá há um mês, pai.

— Um mês e meio.

Hjort suspirou e esfregou as têmporas.

— Tiveste notícias da Johanna? — perguntou.

— Não. Nada de nada. Ouve, pai, tenho de ir.

— Aonde vais?

— Sair.

— Está bem, Joel. Falamos depois.

No parque de estacionamento encontrou Bosson. Os inspetores criminais aguardavam mais adiante. Bosson era o responsável pela manutenção do prédio. Era filho de Bo Jonsson, daí o apelido. Hjort mal sabia o seu primeiro nome. Bengt ou Bernt?

— Como é que vão apanhar o assassino se nem um submarino conseguem encontrar na baía do Hårsfjärden? — gritou o homem na direção dos polícias.

Caminharam os quinhentos metros até ao hotel da estação. Passaram pelo supermercado e pela igreja de madeira, cuja torre se erguia como a ponta enegrecida de uma espada contra o céu.

Os dois polícias recém-chegados usavam gabardinas forradas, botas e camisolas de lã por cima das camisas. Ljung parecia particularmente aprumado, com óculos e chapéu. Já não havia muita gente a usar chapéu, pensou Hjort. Markovic parecia mais tosco, como uma figura talhada em madeira.

À entrada do hotel, uma ementa pendia da parede.

— Estufado de alce — disse Markovic.

— Jantar logo à noite? — disse Ljung, pousando as malas e estalando os nós dos dedos. — Aqui no hotel?

— Claro — disse Hjort.

À tarde, Erland Hjort telefonou para o centro de saúde e avisou a mulher de que não iria jantar a casa. Mas podiam sempre assistir na mesma ao programa deles juntos. Foi abastecer. A bomba da Esso era um ponto de encontro local, na falta de melhor, e ali estavam, como de costume, os irmãos Ulf e Rolf junto à janela.

— Ouviste dizer que vão fechar o Motel Esso em Mora? — perguntou Ulf.

Olle assentiu lá de dentro. Era o gerente da bomba.

— Também é culpa do novo governo? — inquiriu Hjort.

— Quem sabe se não estão por trás da cheia da primavera também — alvitrou Olle.

— O Tjuvån transbordou — disse Rolf. — Daqui a pouco temos o dilúvio.

Hjort olhou de semblante carregado para o Svartälven, coçou a barba por fazer e entrou no seu *Volvo* 164.

*

O inspetor Markovic estava visivelmente bem-disposto ao jantar. Talvez fosse por causa do estufado de alce.

— Sabem — disse, bebendo um pouco de cerveja —, estes são os meus territórios. Os meus domínios. O campo agrada-me mesmo. E a natureza...

Abriu os braços. Estavam sentados junto às grandes janelas do hotel, com vista para a montanha e o lago Slöjan. Um brilho amarelado tremeluzia para lá da crista negra da montanha.

— Pena é que uma pessoa tenha de ser massacrada para poder-mos vir até aqui — disse Ljung.

— Como descobrimos quem é a vítima? — perguntou Erland Hjort.

— Dactiloscopia — disse Ljung, bebendo um gole de água com gás. — Impressões digitais, claro. Mas isso depende de a pessoa constar dos registos. Fizeste um bom trabalho com a mão, Hjort. Tens formação em Medicina Forense?

— Sim, mas apenas a básica. Mas tenho alguma experiência de caça.

— Estivemos hoje junto ao celeiro — disse Markovic. — Uma paisagem do caraças.

— Mas complicada para recolher vestígios. Impressões digitais, pegadas, marcas de pneus... impossível.

— Há mais duas coisas — disse Markovic — que precisamos de apurar sobre a vítima. Para além da identidade. Como morreu e quando.

Estavam quase sozinhos na sala de jantar. O hotel tinha cem anos e o exterior, decorado com pilastras e pináculos, mantinha o estilo da época. O interior, em madeira pintada de branco, parecia quase inalterado, com vários recantos separados por balaustradas. O edifício fora erguido quando a via-férrea entre a linha principal do Norte e a projetada, a Inlandsbanan, a linha do interior da Suécia, foi construída. Todo aquele esplendor parecia uma piada de mau gosto quando contemplavam os carris cobertos de neve e há muito fora de uso.

Ljung afastou o prato e limpou a boca com o guardanapo de linho.

— Era suposto um coordenador de investigação criminal juntar-se a nós. Dizem que é muito perspicaz. E um tanto excêntrico.

— Um bêbedo do caraças — murmurou Markovic.

— Chama-se Ruben Hessle. É esperar e ver se ele se digna a aparecer.

— E o Wiklund magoou-se na estância de esquí — disse Hjort.

— Faremos o melhor possível, nós os três — disse Ljung, coçando a base do nariz sob a ponte dos óculos. — Aguardamos uma resposta do Wendel amanhã por volta das dez. Sugiro encontrarmo-nos no posto às onze. O que te parece?

Quando Hjort conduziu de volta ao bairro das moradias, já anoitecera. Algumas crianças ainda faziam os últimos bonecos de neve do ano. Em breve seria a época das motorizadas.

Deixara de fumar há muito, mas sentiu um desejo fugaz ao sair do carro. Uma tentação que se dissolveu na escuridão.

A moradia era como todas as outras: frontão em forma de pirâmide, fachada baixa em calcário e madeira, garagem lateral. Todas moldadas pela mesma forma, como casas de Monopólio.

O interior também seguia o modelo: escada de pinho com gradeamento no centro, sala de convívio e mesa de pingue-pongue na cave, e os quartos das crianças, ainda intactos, no piso superior.

— A Johanna ligou — disse Bodil Hjort, sentada na cozinha a comer uma sandes de ovas de bacalhau fritas.

— Quando?

— Há uma hora. Como foi o jantar?

— Bom. Era estufado de alce.

Ele encostou-se à bancada da cozinha.

— E como estava ela?

— Bem, ia dar um concerto com os Kajsa Varg.

— Queria que eu lhe ligasse?

— Não disse nada.

Kajsa Varg era a banda de *rock* da filha. Tinha 19 anos e mudara-se para Gotemburgo. Há oito meses, contava Erland.

Os filhos continuavam a ser o principal tema de conversa entre eles. Era estranho não os terem ali, ainda que nunca estivessem muito em casa. Joel tinha apenas 17 anos. Abandonara o liceu e mudara-se para Estocolmo.

— É inacreditável — disse ela, e ele demorou um instante a perceber que se referia ao membro encontrado. — Só falam disso no centro de saúde. Disso e da Vanja Johansson, claro.

— Parece um sonho — disse Hjort, servindo-se de um copo de leite.

Viram uma série policial sueca na televisão. Cada um no seu lugar, ele no cadeirão, e ela enroscada no sofá. Depois deu *Esta É a Tua Vida*. A convidada da noite era a atriz Viveca Lindfors. Hjort costumava gostar do programa, mas nessa noite tudo lhe pareceu medíocre.

Quando as águas subirem, o que virá ao de cima?

Primavera, 1983. Numa manhã cinzenta e húmida, Erland Hjort, o único agente da polícia na pacata localidade de Silvernäs, é chamado à quinta Ramses: o corpo de Vanja Johansson, uma mulher de 34 anos, foi descoberto no celeiro, pendurado numa das vigas. No mesmo dia, uma mão decepada é descoberta presa a uma vedação, repousando num aceno macabro.

Os inspetores Markovic e Ljung, da polícia de Estocolmo, suspeitam que tudo seja obra de um assassino em série, mas a irmã de Vanja, Anna Karjala, tem a certeza de que a morte da irmã foi suicídio. Já a população tem fortes suspeitas relativamente aos adolescentes que têm vindo a cravar símbolos satânicos pela cidade.

Com o degelo das neves de inverno, as cheias ameaçam perturbar a tranquilidade de Silvernäs, mas Hjort começa a temer que não seja isso o que a vai fazer colapsar...

No seu notável romance de estreia, Per Moritz Stenborg combina uma perspicácia psicológica apurada com um suspense intenso. *Não Temas a Escuridão* é um romance policial literário e denso sobre o amor e a culpa.

«O ritmo é lento, o tom, de uma ansiedade quase palpável. Os apreciadores de policiais leves não o encontrarão aqui. Isto é muito sombrio, muito frio, muito nórdico.»

DAST Magazine



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-966-1



9 789895 899661